

# Os Intelectuais na Formação do Campo da Literatura Afrobrasileira: ou tópicos para uma sociologia da textualidade negro-brasileira

Jorge Augusto de Jesus Silva (UNEB)

**Resumo.** O intelectual, como rei ou filósofo, enquanto representante ou sujeito das massas, tem sua atividade sempre relacionada à liberdade e ao poder. Compreender como se operam transformações históricas no papel do intelectual na cultura do Ocidente é, sem dúvidas, um processo importante para entendermos uma série de movimentações ocorridas na sociedade ocidental. Do intelectual como representante, ao intelectual como sujeito de sua representação, são paralelas as mutações entre Estado-Nação e Estado liberal, classe social e minorias. É no cerne deste último grupo que desponta uma série de novas práticas intelectuais reelaboradas a partir do conceito de intelectual orgânico de Gramsci (1995), onde situamos os intelectuais negros e sua presença no campo da literatura afrobrasileira. Para tanto, dialogamos com algumas contribuições teóricas de Bobbio (1997), Bourdieu (1996), Foucault (2008), Said (2007) e Semeraro (2006), quando estes discutem sobre o papel do intelectual na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Intelectual, Literatura Afrobrasileira, Poder, Minorias.

## Pensando a Figura do Intelectual

A personagem do intelectual na narrativa ocidental não esteve nunca desvinculada de suas polêmicas, como afirma (Bobbio, 2000) o nome é relativamente recente, mas o tema é antigo, segundo o autor ao menos desde a ‘República’ de Platão os pensadores “se ocuparam e se preocupam, ainda que sob denominações diversas, com o que devem fazer os filósofos, i.e, eles próprios, na sociedade, com a influencia que exercem, ou devem exercer nessa sociedade” (Bobbio, 2000). O autor opõe duas linhas de pensamento sobre o papel do “intelectual” remontando a citações de Platão e Kant, o primeiro pregando uma aliança inseparável entre o filósofo, i.e, o homem que pensava a sociedade, e o rei, ou seja, o representante do poder. Essas funções para Platão não poderiam ser exercidas separadamente, desta maneira filosofia [intelectualidade] e poder deveriam estar em um mesmo indivíduo.

Já Kant vai em direção oposta, como aponta Bobbio, defende a idéia de que não é verídica a conciliação entre rei e filósofo e que não se pode esperar nem ainda desejar tal aliança, mas que os filósofos devem ser mantidos pelos reis ou povos soberanos sem reduzi-los ao silêncio nem deixá-los desaparecer, e conclui Kant: “E desde que essa classe [filósofos], por sua natureza, é imune ao espírito faccioso e é incapaz de conspirar, não pode ser suspeita de fazer propaganda” (apud. Bobbio, 2000). Para o autor, o surgimento da palavra intelectual, há apenas um século, não deve apagar o fato de que sempre existiram os temas que são postos em pauta por ela.

Notemos que a relação entre verdade e poder defendida por Platão no binômio rei e filósofo, conferem ao pensador um super-poder acima de todas as outras relações sociais existentes, o pensador está acima dos outros indivíduos porque detém a verdade e a detém porque está acima dos outros indivíduos. Desta maneira, o pensador paira onisciente e onipotente sobre a atmosfera social que o envolve. A versão de Kant, que Bobbio, como vimos, busca contrapor a de Platão, apenas parcialmente lhe serve, à medida que reproduz a imagem do pensador como sujeito que paira sobre o ambiente social, “incapaz de conspirar” e que delegará ao rei ou soberanos a clareza sobre seus atos: “deixem se expressar publicamente [os filósofos], isso é indispensável a uns e outros [reis e soberanos], para que possam ter clareza sobre seus próprios negócios” (Kant. Apud. Bobbio, 2000).

Como vemos, se é verdade que o filósofo em Platão tinha fundido em si a figura do rei e a partir de então um super-poder de representar o povo, através da verdade e do poder, em Kant o filósofo é tão importante que é imprescindível para que os reis e soberanos tenham clareza sobre os seus atos, ou seja, o filósofo, pensador, influencia e, ou determina até a vontade suprema do rei. Portanto, entendemos que o eixo nuclear que potencializa o pensador como representante da verdade e da sabedoria e, portanto, do poder, está mantida de Platão à Kant. Assim, a distinção entre os dois filósofos se restringe a liberdade que é dada ao pensador, na “República”, onde este é diretamente ligado ao poder, é o poder, o exerce, já em Kant, ele é livre para

dizer o que quiser, supostamente até contra o poder, e o que ele disser deverá ser seguido até pelos reis e soberanos.

Podemos tomar essas concepções filosóficas sobre o pensador em sua relação com o social como as idéias que fundamentam a concepção do intelectual clássico, vejamos como em última instância, seja, representando reis e soberanos como em Kant, ou sendo ao mesmo tempo filósofo e rei, em Platão, a idéia do pensamento a serviço do poder é sempre presente.

Os intelectuais quando concebidos enquanto tais herdaram essa posição de independência proposta por Kant, e através dela estando sempre ligados às tomadas de posição que influenciam o povo, se configuram como representantes do poder como queria Platão. Segundo (Bourdieu, 1996) o surgimento do intelectual remonta a figura de Zola, quando este buscou “construir como escolha deliberada e legítima o partido da independência e da dignidade específica do homem de letras, autorizado a colocar sua autoridade específica a serviço de causas públicas” (Bourdieu, 1996), O sociólogo francês afirma que “para isso, era necessário construir uma figura nova, a do intelectual, inventando para o artista uma missão de subversão profética, inseparavelmente intelectual e política” (idem). Então fica marcado, para Bourdieu, o surgimento desse novo personagem histórico através de uma ressignificação do artista, e essa passagem de artista à intelectual é marcada pela intervenção deste no campo<sup>1</sup> político. Abro aqui um parêntese: vale ressaltar que esse mecanismo, de passagem do artista ao intelectual através do político é o mesmo que usaremos para qualificar os poetas dos Cadernos Negros como intelectuais orgânicos.

Discorrendo sobre o papel público dos intelectuais, Said, busca antes distinguir para depois unificar as figuras do escritor e do intelectual, sendo que o primeiro é sempre privilegiado, pois “atribui-se a ele uma áurea de criatividade e uma

---

<sup>1</sup> Conceito de Campo em Bourdieu (2005): ...é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. A noção de campo está aí, para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se como o macrocosmo ele é submetido as leis sociais, elas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial, mais ou menos acentuada. (Bourdieu: 2003)

capacidade quase santificada para a originalidade” (Said, 2007), o autor estabelece como contraponto a posição dos intelectuais como pertencentes a “classe parasita levemente degradada dos críticos”, mas para Said essa distinção é diluída a partir do final do século XX, coadunando em vários pontos com Bourdieu, acentua que:

Entretanto, durante os últimos anos do século XX, o escritor tem assumido cada vez mais os atributos adversos do intelectual, em atividades como falar a verdade para o poder, ser testemunha da perseguição e do sofrimento e fornecer uma voz dissidente nos conflitos com a autoridade (Said, 2007)

O que podemos distinguir entre as concepções de intelectual elaboradas entre o escritor Zola e os escritores do século XX pontuados por Said, são: como vimos Zola constrói a independência e a dignidade do homem de letras, revitalizando, portanto, aquele modelo postulado por Kant, de pensador independente. Já em Said, expressões como, “testemunha da perseguição e do sofrimento” e “voz dissidente nos conflitos com a autoridade” parecem marcar um lugar, uma tomada de posição pelo intelectual, que estaria do lado dos perseguidos e sofredores e em dissidência com a autoridade, logo não seria mais independente como Zola, ou o pensador kantiano, nem estaria a serviço do poder como em Platão. Para entendermos essa variação do conceito de intelectual teremos que remontar rapidamente a Marx e passar por Gramsci, onde encontraremos o tipo do intelectual que solidifica o campo da literatura afrobrasileira.

A figura do intelectual vista como a de um indivíduo ou, um grupo em si, caracterizado, pela sua independência e autonomia em relação aos outros campos da vida social, corresponde ao modelo de intelectual clássico que para Gramsci era composto pelo “clero”, “funcionários”, “militares” e “acadêmicos”. (Semeraro, 2006).

Fora do próprio tempo, os intelectuais tradicionais consideravam-se independentes, acima das classes e das vicissitudes do mundo, cultivavam uma aura de superioridade com seu saber livresco. A sua “neutralidade” e o seu distanciamento, na verdade, os tornavam incapazes de compreender o conjunto do sistema da produção e das lutas hegemônicas, onde fervia o jogo decisivo do poder econômico e político. (Semeraro, 2006)

Dessa maneira, o intelectual, era visto, ainda, como o indivíduo que pairava sobre a atmosfera das relações concretas na sociedade, tendo sobre elas uma visão externa e por isso mais consciente e poderosa. “Diversamente dessa posição, Marx indicava que a fabricação de conceitos e de teorias não acontece no vazio da mente, mas dentro de determinados processos histórico-econômicos e em sintonia com seus protagonistas políticos” (Semeraro, 1996). Com essas considerações Marx abriu as portas do que viria mais tarde, com Gramsci, a formar o conceito de intelectual orgânico:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo e de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura. (Gramsci, 1995)

Assim, os intelectuais “orgânicos” inscrevem-se no campo de batalhas sociais em oposição ao intelectual clássico, pois, em detrimento da posição distanciada e aparentemente descomprometida do clássico, o intelectual orgânico faz parte do organismo a que representa, e a partir do qual existe enquanto intelectual. Essa característica de enunciador específico de um grupo, ou classe, no sentido gramsciano, que define o intelectual orgânico pela vinculação estreita entre sua teoria e sua participação prática na vida do grupo, ou classe, nos remete à concepção pós-moderna de intelectual esboçada por Foucault e Deleuze (2008), onde “a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática, ela é uma prática, mas local e regional... não totalizadora”.

O intelectual orgânico, portanto, fala de um lugar ideologicamente marcado, e com essa identidade, independente do seu *lôcus* de enunciação. Esse tipo de intelectual, não desvincula sua textualidade das formações ideológicas do seu grupo, pois, ele não representa algo ou alguém, ele é parte do que representa, defendendo assim, seus próprios interesses. Dessa maneira,

não importa o lugar do qual o intelectual desempenha sua função, no Estado, no partido, ou em movimentos populares, nas organizações culturais ou na academia. O que conta para Gramsci é a sua vinculação de classe, a relação democrática

que o intelectual estabelece e o horizonte ético-político que descortina, isto é, a capacidade de promover um projeto socializador que reconheça os subjugados como sujeitos políticos. (Semeraro, 2006)

A função do intelectual orgânico seria então, a democratização do poder, a luta contra a violência simbólica e física, marcando a dissidência em relação ao intelectual clássico, ou seja, o intelectual representante do povo é substituído pela valorização da participação política das expressões populares.

Considerando a importância fundamental de Gramsci, para a concepção de um novo modelo de intelectual, mais afeito a modernidade e as relações de produção e reprodução da vida social, obrigamo-nos a pensar o conceito de intelectual orgânico sem querer transpô-lo além dos séculos e aplicá-lo à contemporaneidade como se uma série de transformações não houvesse ocorrido nesse período. Então buscando evitar um anacronismo conceitual, gostaríamos antes de utilizar o conceito de intelectual orgânico no contexto das produções da literatura afrobrasileira, fazer brevíssima ressalva quanto a essa utilização.

O modelo de intelectual representativo das grandes massas da população, talvez tivesse ainda, alguma pertinência, em relação a estrutura bipolar de classes antagônicas que através da subjugação e da dominação, travavam o duelo na sociedade capitalista. Sindicalistas, chefes de partido político, talvez sejam os últimos representantes que se aproximem do modelo de um intelectual que detém a voz e o poder de representar uma grande massa de pessoas. Essas figuras eram autorizadas, sempre sobre o pretexto de ser uma consciência a frete, melhor preparada para gerir e proferir as palavras pela classe, pois, nem todos eram preparados o suficiente para assumir tal protagonismo político, porém nos diz Foucault:

ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente muito melhor do que ele; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente, em toda a trama da sociedade (Foucault, 2008)

Creemos que contribui para essa concepção que nega o intelectual como porta voz das grandes massas o fato de que as novas concepções de poder, os estudos que buscaram identificar sua natureza e sua efetivação nas relações sociais, apontaram para uma perspectiva de atuação, desse poder, que não se limitava as duas grandes bases: dominadores e dominados. O poder que era entendido como exercido sempre de forma unilateral pelo primeiro, passa a ser compreendido como fenômeno fragmentado e exercido por todos os agentes sociais mesmo que em escalas e intensidades diferentes. Como também, pelo fato das transformações teóricas ocorridas no campo da história, onde as noções de descontinuidade, ruptura, e um novo olhar sobre o arquivo e o documento, possibilitaram a emergência de narrativas ex-cêntricas, nas quais as minorias puderam inaugurar um lugar discursivo do qual enunciam suas questões e sua ideologia.

Atrémos a esses dois tópicos: poder e história, um derradeiro, o enfraquecimento do Estado-Nação, e conseqüentemente da força do seu projeto identitário homogeneizador, possibilitando a emergência de várias identidades oriundas dos grupos marginalizados na narrativa oficial dos Estados-Nação. Essas minorias embasadas nas releituras históricas que atestam suas exclusões da história institucionalizada buscam re-escrever para si um novo lugar, social e histórico através de suas narrativas contra-hegemônicas.

Essas três movimentações nas estruturas do que chamamos poder, do Estado-Nação e da História, ajudam a caracterizar, entre tantas outras, a passagem ainda tão problematizada e problematizante, da modernidade para a pós-modernidade, e determinam a dissolução da concepção de sociedade dividida apenas em classes, tirando do silêncio as identidades de grupos étnicos, feministas e homossexuais, etc.. embora continue, é claro, o debate sobre a exclusão social através da classe econômica. Como nos sugere Foucault, deixa-se de lutar contra a exploração e passa-se a lutar pelo poder. Assim, lutar contra a exploração era unir-se ao proletariado e partilhar de sua ideologia, aderir a seus motivos. Mas quando se luta contra o poder: “Então

todos aqueles sobre quem o poder se exerce como abuso, todos aqueles que o reconhecem como intolerável, podem começar a luta onde se encontram e a partir de sua atividade (ou passividade) própria” (Foucault, 2008). O autor prossegue dizendo que essa luta mesmo partindo de grupos específicos cada qual em suas atividades lutando contra forças específicas que o oprimem, é uma luta aliada a do proletariado, pois “se o poder se exerce da forma como ele se exerce, é para manter a exploração capitalista” (Foucault, idem).

Nesse contexto, cremos que o intelectual orgânico no cenário da pós-modernidade figura com pertinência, pois, se as identidades antes polarizadas forçosamente em uma lógica de classes antagônicas multiplicam-se em várias identidades de minoria, com cada uma reclamando melhores condições de inserção no tecido social, voltamos a Gramsci, literalmente, quando ele diz que, cada grupo social cria para si seus intelectuais, que lhe dão homogeneidade e consciência própria. Assim, cada grupo social, de distinção étnica, sexual, de classe, terá seus intelectuais orgânicos digladiando-se no campo de batalha pelo poder.

Porém, essa pertinência não se completa sem mais uma ressalva, pois, o intelectual orgânico gramsciano, ao contrário do que propôs Deleuze e Foucault sobre a inter-relação da prática com a teoria, não gera sua própria teoria através da prática. Pois, as posições assumidas pelo intelectual orgânico em Gramsci estão filiadas as meta-narrativas do comunismo, do marxismo e do capitalismo. O combate era travado em relação ao poder hegemônico, opressor e autoritário. Já o intelectual contemporâneo não está necessariamente filiado a nenhuma grande narrativa, sua teoria emerge da prática de seu combate, e a luta contra o poder não é exercida na direção de um único poder dominante, mas contra toda forma de poder que oprima ou dispute o exercício da força na sociedade, esse então chamaríamos de intelectual orgânico não-gramsciano, ou intelectual orgânico contemporâneo.

A partir de então, passamos a compreender como se encaixa o intelectual na dinâmica das relações que estabelece a literatura afrobrasileira com o seu contexto social. O intelectual negro é o sujeito marcado por uma identidade



étnica que o designa mais que qualquer outra identidade social que este venha a “vestir” no desempenhar de seus papéis sociais. E a atuação desse intelectual negro pode ser entendida a partir dos pressupostos do intelectual orgânico contemporâneo, e das relações estudadas entre intelectual e o poder em Foucault.

## **O Intelectual Negro na Literatura Afrobrasileira**

Os Cadernos Negros<sup>2</sup> vem nesse tópico do nosso estudo se configurar como espaço determinante para a formação de um campo específico da literatura afrobrasileira, à medida que contribui de forma decisiva para formação do grupo de intelectuais orgânicos não-gramsciano que formam o quadro que institui e legitima o campo, pois como vimos, a presença do intelectual orgânico atesta a existência de um campo, já que, só é orgânico o intelectual que é gerado por este campo, grupo específico “lhe dando homogeneidade e consciência da própria função” (Gramsci 1995). Portanto, o intelectual que circula no e em torno dos CN é orgânico porque, é gerado dentro do grupo social que corresponde a uma massa de artistas, populares, intelectuais, militantes e estudiosos que são os atores na cena da literatura afrobrasileira.

Também, os CN caracterizam-se como espaço formador de intelectuais orgânicos à medida que compartilham do que Deleuze chamou de “a indignidade de falar pelos outros”, i.e, a “teoria exigia que as pessoas a quem ela concerne falassem por elas próprias” pois, “não existe mais representação só existe ação: ação de teoria, ação de prática” (Foucault 2005). Os CN configuram-se como este tipo de grupo onde a prática intelectual não é delegada a um sujeito que a encarna como figura representativa da vontade popular, como era a figura do intelectual clássico, em detrimento disso, há uma teoria que se constitui como prática através de uma participação coletiva dos atores dentro do campo, por isso Deleuze diz que a “teoria é sempre local”,

---

<sup>2</sup> Os CN são um periódico voltado à publicação de poemas e prosas publicados por escritores negros. As atuais mais de 30 edições dos CN constituem capítulo importante da literatura afrobrasileira. Lançado em 1978 por um grupo de jovens negros que acreditavam que a literatura tinha uma função especial e específica por cumprir na busca pela reconfiguração do lugar do negro na sociedade e na história brasileira.

pois é gerada a partir de práticas e textualidades de um grupo específico. Dessa maneira, perde-se o sentido do intelectual representante, enquanto a nova concepção de intelectual atuante, o sujeito da teoria-prática é o que emerge como intelectual orgânico contemporâneo no centro da literatura afrobrasileira, atendendo ao modelo de intelectual descrito por Bourdieu:

Todo Edifício do pensamento crítico precisa assim, de reconstrução crítica. Esse trabalho de reconstrução, não pode ser feito, como alguns pensaram no passado, por um único grande intelectual, um pensador-mestre, dotado apenas com os recursos de seu pensamento singular, ou pelo porta voz autorizado de um grupo ou instituição que presumidamente fala em nome daqueles sem voz, sindicato, partido e assim por diante. (Bourdieu, apud. Said, 2007)

Assim, o intelectual, na literatura afrobrasileira, é orgânico, enunciando do lugar ideologicamente marcado que é o campo desta literatura. E como tal busca desvelar e democratizar as estruturas de poder que regem as relações na sociedade buscando combater as desigualdades que estruturam essas relações. Isso os intelectuais negros, poetas, críticos e acadêmicos formadores do campo da literatura afrobrasileira, fazem através da tematização de todas as questões tabus para a literatura brasileira envolvendo o negro, (destruição dos estereótipos, re-escrita da história, positivação da identidade, entre outros), o fazem à medida que através da metaficção historiográfica re-elaboram as narrativas da nação sobre seu grupo étnico, fazem quando fundam suas próprias editoras, seus sites, suas instituições e são fieis a suas pautas de reivindicação e de luta, quando discutem incessantemente em seus poemas, contos e textos críticos a questão da identidade negra na literatura nacional.

Os CN confirmam então a existência dessa prática-teórica, ou melhor, dessa teoria-prática, que emerge do campo da literatura afrobrasileira e define seu intelectual. Editados há mais de trinta anos vem sendo uma publicação decisiva para se estudar, classificar e pensar a produção textual afrobrasileira e sua importância para a cultura nacional. Assim, é que os CN têm sido objeto de estudo de vários intelectuais acadêmicos e não-acadêmicos fazendo com que, da prática dos escritores afrobrasileiros desponte a teoria desta mesma literatura, e desta teoria, derive sua prática em um movimento de fluxo e refluxo entre teoria e prática que Deleuze descreveu assim:

desde que uma teoria penetre em seu próprio domínio, encontra obstáculos que obriga que seja revezada por outro tipo de discurso (é este outro tipo que permite eventualmente passar a um domínio diferente). A prática é um conjunto de revezamento de uma teoria a outra, e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro. (Foucault, 2008)

Outro aspecto que define o intelectual como orgânico no campo da literatura afrobrasileira é a passagem, descrita acima, do artista ao intelectual, discutida por Said, e Bourdieu. Recapitulemos o que diz Said: o escritor tem assumido os atributos do intelectual falando a verdade para o poder e se constituindo como voz dissidente nos conflitos com a autoridade em favor dos sofrendores e perseguidos. O que caracteriza essa passagem do artista ou escritor para o intelectual é a sua vinculação política, assim: “o intelectual constitui-se enquanto tal, intervindo no campo político em nome da autonomia e dos valores específicos de um campo de produção cultural” (Bourdieu, 2010),

É dessa forma que, os poetas do CN se constituem como intelectuais orgânicos contemporâneos quando vinculam sua textualidade às perspectivas políticas de interesse do seu grupo, interferindo assim, no campo político, o fazem através da força que o seu grupo e campo adquiriu enquanto tal, questionando o lugar do negro na sociedade brasileira, questionando a instituição canônica, o silêncio das grandes editoras em torno da crescente produção afrobrasileira, a desigualdade do mercado de trabalho quando compara-se brancos e negros e seus respectivos cargos, a violência da repressão policial, a baixo-estima de uma parte da população negra, a situação de pobreza da maioria dessa população, todos esses são temas políticos que a prática da textualidade afrobrasileira levanta em seus poemas, contos e textos críticos, fazendo com que através da vinculação ao político o escritor se constitua em intelectual.

Portanto, grande parte dos poetas dos CN, dos pesquisadores acadêmicos e não-acadêmicos, buscam a solidificação do campo da literatura afrobrasileira, opondo-o a tradição hegemônica da narrativa oficial da literatura nacional, são intelectuais orgânicos que através da prática textual que lhes compete, como

crítico ou poeta, buscam desestruturar o poder hegemônico e competir com os outros poderes, através do revezamento teoria-prática pratica-teoria, como propôs Deleuze, e instaurar fissuras nas totalizações, já que, como alerta o mesmo autor, as totalizações são da ordem do poder, “e a teoria por natureza é contra o poder” (Foucault, 2005), por isso, é fundamental o entendimento da textualidade afrobrasileira como a prática que gera uma teoria de combate, contra as desigualdades sociais, e o preconceito étnico, e sobretudo, como uma ferramenta de luta pelo poder.

### **Principais Referências**

Anderson, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

Bauman, Zygmunt. **Comunidade**. in: **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Bauman, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Bernd, Zilá. **A questão da negritude**. 1ed. Brasiliense. São Paulo.1984.

Bernd, Zilá. **Introdução a Literatura Negra**. 1ed. Brasiliense. São Paulo.1988.

Bobbio, N. **Intelectuais e o Poder**. in: **Os intelectuais e o poder**. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.

Bobbio, N. **Intelectuais**. in: **Os intelectuais e o poder**. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.

Bourdieu. Pierre. **A invenção do intelectual**. In: **as regras da arte**. São Paulo Companhia das Letras, 1996.

Bourdieu. Pierre. **Os usos Sociais da Ciência**. 1 ed. Editora Unesp. São Paulo, 2003. Brasiliense, 2006.

Cuti. **Literatura Negro-Brasileira**. 1ª Ed. Selo Negro. São Paulo, 2010.

Foucault. Michel. **Genealogia e Poder**. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro. Ed. 25. Edições Graal, 2008

Foucault. Michel. **Introdução**. In: **Arqueologia do Saber**. 7ª Ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010.

Foucault, Michel. **Os intelectuais e o Poder. Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro. Ed. 25. Edições Graal, 2008.

Gramsci, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

Hall, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

Le Goff, Jacques. Chartier, Roger. Revel, Jaques. 5ª Ed. **A História dos Marginais. In: A História Nova.** São Paulo. Martins Fontes, 2005.

Ribeiro, Esmeralda. Barbosa, Márcio. **Cadernos Negros Três Décadas.** São Paulo. Quilombhoje: Secretaria Especial de Política de Promoção da Igualdade Racial, 2008.

Said, Edward. W. **O papel público dos escritores e intelectuais.in: Humanismo e Crítica Democrática.**São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

Semeraro, G. **Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade.** *Caderno Cedes*, v. 26,n.70, 2006.

Souza, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU. Belo Horizonte:** Autêntica, 2005.

Souza, Florentina da Silva. Lima, Maria Nazaré. **Literatura Afro-Brasileira.** Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2006.